



O MITO DE ATALANTA. UMA MULHER NO MUNDO MASCULINO

Daniela Pereira¹

Resumo: O presente trabalho tem por base o estudo do mito de Atalanta. Este estudo pretende examinar as fontes literárias de forma a estudar os costumes vigentes da Grécia antiga e de que modo este mito segue, ou não, estas normas. Para tal, numa primeira parte, irá tratar-se a figura de Atalanta nas diversas cenas mitológicas onde é mencionada: os jogos fúnebres em honra de Pélias, a caça ao javali de Cálidon, a sua participação na Argonáutica e, finalmente, na prova atlética contra Hipómenes, cujo intuito era a escapatória aos laços do casamento. A segunda parte deste trabalho dedica-se ao estudo cultural das suas aventuras, de maneira a perceber até que ponto Atalanta desafiou as normas e os costumes culturais da Grécia antiga.

Palavras-chave: Atalanta; mitologia; literatura; cultura.

Tema Livre

INTRODUÇÃO

Mitologia é um campo importante para a idealização e construção social, tendo, na sua representação, uma grande influência nas culturas e tradições dos povos. Todavia, o reverso também está presente. No que diz respeito aos mitos de figuras femininas são os relatos referentes à vida das deusas os mais conhecidos, mas em muito diferem do que se sabe sobre a vida das mulheres no dia-a-dia da Grécia. Existem vários mitos, inspirados em relatos históricos, de figuras femininas que ficaram conhecidas por desempenharem um papel tipicamente masculino. As Amazonas, figuras históricas que muito inspiraram poetas, conhecidas por manterem uma sociedade livre de homens e pelos seus dotes de guerreiras, são o exemplo mais conhecido. Também em Esparta as mulheres gozavam de uma liberdade e educação física completamente oposta às mulheres de Atenas.

Uma figura mitológica muitas vezes comparada a estas mulheres é Atalanta, famosa pela sua velocidade e destreza na caça. Esta é uma figura

¹ Mestre em Estudos Clássicos. China Three Gorges Scholarship Student. Shanghai University. danielapereira02@hotmail.com.



pouco estudada em português, sendo um dos poucos exemplos o artigo do Nuno Simões Rodrigues, publicado em 2007 no *Boletim de Estudos Clássicos*, com o título “Atalanta e Ulisses ou Do mito grego em BD” e o estudo de Thirzá Amaral Berquó sobre “A iconografia de Atalanta na cerâmica Ateniense (sécs. VI-IV a.C.)”, apresentada em 2016 no *III Encontro de Pesquisas Históricas*, em Porto Alegre.

Atalanta, uma jovem grega, originária da Arcádia ou da Beócia, foi exposta logo após o nascimento, salva por uma urso e criada por caçadores. Mais tarde tornou-se seguidora da deusa da vida selvagem, Ártemis, dedicando-se à caça e escolhendo os bosques como morada. Participou na expedição dos Argonautas, na caça ao javali de Cálidon e nos jogos fúnebres em honra de Pélias. O seu mito mais célebre é a prova atlética que impôs como forma de permanecer virgem e rejeitar o casamento. O prêmio para o vencedor da competição era o matrimônio e o castigo para o perdedor era a morte. Foi Hipómenes, com a ajuda da deusa Afrodite, que finalmente venceu a jovem, alcançando a união nupcial. Graças ao esquecimento do jovem em agradecer à deusa a ajuda prestada, o casal foi castigado e foram transformados em leões.

A intenção deste artigo é contribuir para o estudo da figura mitológica de Atalanta, e para um melhor entendimento do mito, o artigo irá dividir-se em três partes. A primeira parte irá focar-se nas fontes literárias, analisando de forma temática e cronológica as passagens referentes a Atalanta. A segunda parte deste trabalho dedica-se ao estudo cultural das suas aventuras, de maneira a perceber até que ponto Atalanta desafiou as normas e os costumes culturais da Grécia antiga. O artigo termina com uma breve conclusão e uma pequena amostra da influência do mito de Atalanta nos dias de hoje.

AS FONTES LITERÁRIAS

Foram vários os autores gregos e latinos que trabalharam este mito, embora façam, em muitos casos, apenas breves referências que nem sempre coincidem. A menção mais antiga que ainda se preserva sobre Atalanta encontra-se no poema *Catálogo* sobre as mulheres, atribuído a Hesíodo, que se encontra muito fragmentado. Segundo R. Hunter (2005, p. 214) a posição de Atalanta no catálogo tem gerado algumas dúvidas, especialmente no que se refere à sua linhagem. A jovem parece estar incluída num dos livros correspondentes à descendência de Esqueneu, pai de Atalanta segundo a versão do próprio Hesíodo, que pertencia à linhagem dos Eólios. Outros autores posteriores como Diodoro Sículo, Higino, Ovídio, Estácio, Pseudo-



Apolodoro e Pausânias² seguem esta versão. Há ainda a possibilidade de Atalanta integrar a linhagem da sua mãe, apesar de não haver qualquer indicação sobre a maternidade da jovem no catálogo (HUNTER, 2005, p. 214).

Como mencionado anteriormente, o local de nascimento de Atalanta é assinalado por alguns autores como tendo ocorrido na Arcádia³ ou na Beócia⁴. A sua filiação é atribuída a Esqueneu, ou a Iásio, segundo versões de Teógnis, Calímaco, Propércio e Cláudio Eliano⁵. Higino e o Pseudo- Apolodoro referem nome Íaso⁶. O escólio ao Idílio 3.40-42 de Teócrito (apud WENDEL, 1914, p. 128), no qual se informa que existiam duas Atalantas: uma originária da Beócia, filha de Esqueneu e atleta, e uma outra da Arcádia, excelente no manejo do arco, pode explicar esta variação na linhagem. Da mesma opinião são também Tzetzes (Hist. Varia. Chil. 12), um escoliasta de Apolónio de Rodes (escólio a 1.769 apud BRUNCKII, 1813, p.61) e Helânico (4 F 162 in schol. Eur. Ph. 150). O primeiro defende a existência de uma Atalanta da Arcádia, caçadora e mãe de Partenopeu⁷, e outra Atalanta amante das corridas. O escoliasta de Apolónio de Rodes refere a existência de uma Atalanta filha de Íaso e esposa de Melânion, e outra argiva, filha de Esqueneu e esposa de Hipómenes. Por último, Helânico atribui Hipomedonte como esposo da Atalanta argiva.

É graças a escritores posteriores que é possível reunir mais informações sobre o mito de Atalanta. Salientam-se as Metamorfoses de Ovídio e a Biblioteca atribuída a Apolodoro, por dois motivos principais: São as obras mais bem preservadas que chegaram até ao presente e as mais difundidas ao longo da história, sobretudo a obra de Ovídio.

2 Hes. frs. 72.1, 72.10, 73.1, 75.12, 76.9 M-W; D.S. 4.34.4, 4.41.2; Hyg. *Fab.* 185.1, 244.1; Ov. *Her.* 21.123, *Met.* 10.609; Stat. *Theb.* 7.268; Ps. *Apollo.* 1.8.2, 1.9.16; Paus. 8.35.10.

3 Soph. OC. 1319; Eur. fr.530; Call. *Dian.* 216; D.S. 4.34.4; Pac. *Trag.* 49; Hyg. *Fab.* 70, 94.1; Ov. *Ars.* 2.185, *Met.* 8.317, 426; Prop. 1.1.9-16; Stat. *Theb.* 7.267-268; Ps. *Apollo.* 1.8.2; Paus. 8.35.10; Ael. *VH* 13.1.

4 Pausânias (*Descrição da Grécia*, 8.35.10) diz que Esqueneu era originário da Beócia e que emigrou para a Arcádia.

5 Thgn. 2.1288; Call. *Dian.* 216; Prop. 1.1.10; Ael. *VH* 13.1.

6 Hyg. *Fab.* 70, 94.1; Ps. *Apollo.* 3.9.2.

7 Segundo as versões de Sófocles (OC. 1319), Eurípides (*Ph.* 151, 1106), Pacúvio (*Trag.* 49), Higino (*Fab.* 70, 94 e 270) e Estácio (*Theb.* 4-256-257), Atalanta teria dado à luz Partenopeu, que viria a ser um dos sete contra Tebas.



Não são abundantes as referências acerca da infância de Atalanta. O passo da Biblioteca de Pseudo-Apolodoro (3.9.2) e Cláudio Eliano (VH 13.1) são as únicas fontes, quanto foi possível apurar, que fornecem algumas informações. Segundo estes autores, Atalanta foi exposta ao nascer, porque o seu pai desejava um filho varão, sobreviveu graças a uma urso que a amamentou até que caçadores a encontraram. Atalanta cresceu nos bosques e tornou-se numa caçadora. Durante a juventude, foi atacada por dois centauros, Reco e Hileu, mas enfrentou-os e matou-os com o seu arco e flexa. A sua fisionomia, segundo Cláudio Eliano (VH 13.1.56-59) é semelhante à própria deusa Ártemis. É de notar que foi esta a divindade que a jovem decidiu seguir, tornando-se sua devota e tendo feito votos de castidade⁸.

A sua aventura mais ilustre enquanto caçadora foi a participação na caça ao javali de Cálidon, na região da Etólia, ao lado dos mais prestigiados heróis da Grécia, entre eles Teseu, Castor e Pólux, Jasão e Peleu. Este mito da caça está diretamente ligado ao herói Meleagro e o relato mais antigo encontra-se na *Ilíada* (9.524-605), quando decorre a embaixada enviada a Aquiles. Porém, nesta versão, Atalanta não é mencionada. A sua primeira menção literária neste episódio terá ocorrido na tragédia intitulada *Meleagros* de Eurípidés. Infelizmente a obra encontra-se bastante fragmentada e é D. L. Page (1937, p. 179-180) que oferece uma reconstrução da peça.

Apolónio de Rodas, faz também uma breve alusão a Atalanta, nos seus *Poemas Argonáuticos*, observando que a jovem queria participar na viagem em busca do Velo de Ouro, mas Jasão impediu-a de embarcar por temer que uma afeição pela jovem provocasse desentendimentos entre os tripulantes (1.769). Ao contrário de Apolónio, Diodoro Sículo (4.41.2 e 4.48.5) e o Pseudo-Apolodoro (1.9.16) colocam Atalanta como tripulante na nau *Argo*, ao lado de Jasão, Meleagro e Hércules.

As aventuras da jovem prosseguem e segundo um fragmento atribuído a Íbico (fr.11 = 176 SLG, 282A), que coincide com a versão do mito transmitida pelo Pseudo-Apolodoro (3.9.2), Atalanta participou também nos jogos fúnebres em honra de Pélias, onde venceu Peleu num combate. Mas a maior aventura de Atalanta terá sido talvez aprova que estabeleceu para escapar ao casamento, de acordo com autores como Hesíodo, Xenofonte, Teócrito, Pacúvio, Ovídio, Higino e Pseudo-Apolodoro. O grande prémio para o vencedor seria o matrimónio e o castigo para o derrotado a morte. A jovem é desafiada por Hipómenes, filho de Megareu e Mérope, segundo Higino (Fab. 185.3; cf. *Ov. Met.* 10.605: filho de Megareu e neto de Neptuno), ou por

⁸ Thgn. 2.1292; Ps. Apollod. 3.9.2; Ael. VH 13.1.



Melânion (Milânion na tradição latina), filho de Anfídamas, de acordo com o Pseudo-Apolodoro (3.9.2). Atalanta termina a corrida derrotada, distraíndo-se com a beleza de três maçãs de ouro que o seu adversário recebeu da deusa Afrodite e que foi deixando cair durante a prova. Assim, Atalanta é obrigada a casar com o vencedor.

Segundo as versões de Higino (Fab. 185.6), Ovídio (Met. 10.698-704) e Pseudo-Apolodoro (3.9.2) o casal, por esquecimento do jovem em agradecer à deusa a ajuda prestada, é castigado e transformado em leões. Sobre esta versão do mito, comenta Heraclito de Rodiópolis (Lícia), de uma forma mais racional, que Atalanta e Hipómenes encontraram-se numa caverna, desejando estar juntos, não sabendo que era habitada por leões. Quando os animais saíram daquele lugar, depois de matarem os jovens, os que acompanhavam o casal pensaram que estes se tinham metamorfoseado (De incredibilibus 12, in TEUCHER, 1796, p.11)⁹.

De entre todos estes autores, é Pseudo-Apolodoro (3.9.2) que reúne todos estes aspetos do mito de Atalanta: Jogos fúnebres em honra de Pélias, caça ao javali de Cálidon, o retorno de Atalanta a casa de seu pai que a expôs e a prova atlética.

INTERPRETAÇÃO DO MITO

Diversos elementos da cultura clássica podem ser identificados no mito de Atalanta, tais como a exposição de recém-nascidos, rituais de iniciação e questões sobre o género feminino no mundo grego.

Como já referido, Atalanta foi exposta após o seu nascimento, devido à preferência por parte de seu pai por um filho varão. Apesar da existência de lacunas nesta matéria, sabe-se que no mundo grego existiam diversos métodos para o controlo familiar, que incluíam o aborto, a exposição e o infanticídio, situações de que o mito e a literatura dão testemunho (FRENCH, 1988, p. 1356). A exposição de crianças abrangia todos os grupos sociais (GARLAND, 1990, p. 86), este facto é comprovado pelos vários relatos de mitos sobre exposição de bebés concretizadas por membros da realeza, como os pais de Páris ou os de Édipo. No entanto, acredita-se que a situação económica fosse um dos principais motivos do abandono de crianças. Quatro categorias de recém-nascidos que corriam um maior risco de exposição na Grécia antiga são identificados por estudiosos, são eles: bebés do sexo feminino, com

⁹ Para uma análise mais detalhada das fontes literárias, veja-se D. Pereira, 2016, p.15-37.



malformações ou doentes, ilegítimos e escravos (FERREIRA, 2010, p.149). O caso da exposição de Atalanta destaca-se por ser um dos poucos mitos onde é uma mulher a ser exposta. Este aspeto pode explicar o tratamento de figura de Atalanta como estrangeira, uma vez que ao ser exposta perdeu a ligação à família (PEREIRA, 2016, p. 51).

A ligação entre a criança exposta e o animal que a amamenta também é um tema recorrente na mitologia, o exemplo mais conhecido talvez seja os irmãos Rómulo e Remo, fundadores de Roma, expostos pelo seu avô e amamentados por uma loba. No caso de Atalanta trata-se de uma ursa, um animal protegido pela deusa Ártemis. Esta ligação, entre criança – ursa – deusa, remete para o festival de Bráuron, onde Ártemis era também venerada como protetora das parturientes e das crianças. Em Bráuron decorria um ritual dedicado a Ártemis onde participavam meninas com idade entre os 5 e os 10 anos de idade, antes de atingirem a puberdade e a idade de casar, vestidas com vestidos de cor açafrão e dançando com movimentos que imitavam os ursos (FERREIRA, 2014, p. 101).

A cada quatro anos este ritual decorria em Muníquia, onde se julga que as mulheres invocavam a deusa Ártemis (DILLON, 2002, p. 94). O ritual, conhecido como *arkteia*, iniciava-se no templo de Ártemis Braurónia em Atenas e terminava em Bráuron, envolvendo as meninas que serviriam como *arktoi* – ursas. Estes rituais eram considerados como uma preparação para a gravidez e para o parto. Acredita-se que em Atenas este rito era um pré-requisito para relações sexuais no casamento (COLE, 1998, p. 33).

Ainda relativamente à ligação entre Atalanta e Ártemis, destaca-se a aversão da jovem pelo casamento e o desejo de permanecer virgem. Segundo A. Iriarte (2015, p. 19), o termo *παρθένος* na Grécia antiga refere-se a um conceito de virgindade diferente do sentido que a palavra ganhou por influência do Cristianismo. É aquela que ainda permanece solteira, não referindo diretamente um estado de virgindade física. A autora refere ainda que as jovens virgens demonstram muitas vezes características masculinas, apesar das diferenças sexuais, e são frequentemente associadas aos efebos.

A figura de Atalanta é sem dúvida uma figura ambígua. A jovem é retratada como uma estrangeira, comparada com as Amazonas ou as Ménades, mulheres que caçavam e viviam fora das normas da sociedade grega. Atalanta não só é conhecida pelos seus dotes como caçadora como é frequentemente representada à semelhança destas mulheres, sobretudo nas fontes iconográficas, e tal como as Amazonas e as Ménades, representa o exótico, as mulheres ambíguas que, fugindo da natureza feminina, adotam



uma conduta masculina (PEREIRA, 2016, p.53). No que respeita à corrida é preciso referir que também mulheres a praticavam, por exemplo nos rituais de Bráuron, em honra de Ártemis, mencionados acima, e nos festivais em Olímpia, em honra de Hera, importantes para o desenvolvimento das meninas e no seu percurso para a idade adulta, ou seja, o casamento (COLE, 1998, p. 21). Ligadas ao tema da corrida são também as mulheres Espartanas, elogiadas pela sua rapidez. As Espartanas eram as únicas mulheres gregas que recebiam educação física como os homens e participavam com regularidade em provas atléticas, pois acreditava-se que fortalecia o corpo e teriam filhos mais robustos (FANTHAM, 1994, p.59-61).

A competição atlética para alcançar a mão de uma donzela é um tema popular na mitologia, mas no mito de Atalanta é a própria que corre no lugar do seu pai. A jovem compete como um rapaz, como caçadora numa caça de iniciação e como uma mulher numa corrida pré-nupcial, mas, ao perder a corrida, termina prostrada à ordem masculina. O mito compreende assim rituais de iniciação masculinos, como a caça e a corrida, femininos e pré-nupciais, especialmente presentes na corrida, e as próprias núpcias (BARRINGER, 1996, p. 61).

Outro motivo presente no mito de Atalanta são as maçãs de ouro que Hipómenes usa para vencer a corrida. Μήλον tanto pode significar maçã como romã, frutos associados ao matrimónio, sendo que a romã é também considerada símbolo da fecundidade. C. Faraone sugere que as maçãs, neste tipo de mitos, são usadas para despertar o desejo sexual das mulheres (BARRINGER, 1996, p. 74). O mesmo pode aplicar-se a Atalanta, pois ao apanhar as maçãs acaba por aceitar a união com o seu adversário.

O último aspeto do mito de Atalanta é a metamorfose. A jovem ao ser transformada em leão fica para sempre proibida de interação sexual, pois acreditava-se que leões não tinham relações sexuais entre si, sendo, por isso, os animais mais odiados por Afrodite. A jovem termina a sua existência tal como começou: selvagem, assexuada e sentenciada a caçar para sempre, mas agora no corpo de um animal (PEREIRA, 2016, p. 55).

CONCLUSÃO

Existem várias versões sobre o mito de Atalanta, mas em todos destacam-se as suas qualidades maioritariamente masculinas: rapidez na corrida, destreza na caça e luta, mas também lhes são atribuídas características da beleza feminina. É um mito que sugere vários aspetos culturais da Grécia

antiga, como a exposição de crianças, rituais de iniciação, a sua caracterização como estrangeira, destacando-se a sua ambiguidade entre as suas características femininas e masculinas.



Atalanta é um dos exemplos mitológicos de uma mulher que participou em várias atividades atribuídas a homens e vista como uma igual pelos seus companheiros, por este motivo o mito tem influenciado atualmente várias causas sociais. Por exemplo, em Espanha existem duas associações de mulheres que lutam pela igualdade e que utilizam esta figura como modelo: *Atalanta. Asociación pro igualdad*¹⁰, que defende que Atalanta foi uma mulher que se insurgiu contra o sistema patriarcal da sua época, ganhando o respeito dos seus contemporâneos, e *Asociación Atalanta*, que vê a Atalanta como a primeira mulher a ser discriminada na história, e com a qual tive o privilégio de falar durante a minha dissertação de mestrado. Trata-se de uma associação que promove a igualdade entre géneros, apoia causas relacionadas com a mulher e outras causas sociais. É a singularidade deste mito que ainda hoje faz de Atalanta, uma mulher num mundo masculino, uma inspiração para várias mulheres.

Abstract: The present research work is based on the study of the myth of Atalanta. This study proposes to analyze the literary sources in order to study the prevailing customs of ancient Greece and how this myth follows, or not, these norms. To do so, in the first part, an overview of the figure of Atalanta in the several mythological scenes where she is mentioned will be done: the funeral games in honor of Pelias, the Calydonian boar hunt, her participation in the Argonautic and finally, in the athletic test against Hippomenes, whose intention was the escape of the bonds of marriage. The second part of this work is dedicated to the cultural study of her adventures, to realize the extent to which Atalanta challenged the norms and cultural customs of ancient Greece.

Keywords: Atalanta, Mythology, Literature, Culture.

REFERÊNCIAS

Edições, traduções e comentários

ALBERTO, P. F. **Ovídio. Metamorfoses.** Lisboa: Cotovia, 2007.

BRUNCKII, R. **Apollonii Rhodii. Argonautica.** Tomus II. Berlim: Lipsiae, 1813.

CAMPBELL, D. A. **Greek Lyric III: Stesichorus, Ibycus, Simonides, and Others.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1991.

¹⁰ Disponível em: <<http://proigualdadatalanta.blogspot.com/>>. Acesso em 07/02/2019.



COLLARD, C. & CROPP, M. **Euripides. Fragments. Aegeus – Meleager.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2008.

DEL HOYO, J. y GARCÍA RUIZ, J. M. **Higino. Fábulas.** Madrid: Gredos, 2009.

FRAZER, J. G. **Apollodorus. The Library.** Vol. I. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

HILL, D. E. **Ovid. Metamorphoses IX – XII.** Warminster: Aris & Phillips, 1999.

MERKELBACH, R., WEST, M. L. **Fragmenta Hesiodica.** Oxford: Oxford University Press, 1967.

OLDFATHER, C. H.. **Diodorus of Sicily in Twelve Volumes.** Book II. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1979.

PAGE, D. L. **Select Papyri. Poetry.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1941, pp. 154-159.

SCHWARTZ, E. **Scholia in Euripidem.** Vol. I. Berlin: Typis et impensis Giorgii Reimer, 1887.

WENDEL, C. **Scholia in Theocritum Vetera.** Lipsiae in Aedibus B. G. Teubneri, 1914.

WILSON, N. G. **Aelian. Historical Miscellany.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997.

Bibliografia

ARRIGONI, G. Atalanta e il cinghiale bianco. **Scripta Philologa**, v. 1, 1977, pp. 9-47.

BARRINGER, J. M. Atalanta as Model: The Hunter and the Hunted. **Classical Antiquity**, n. 15, v. 1, 1996, pp. 48-76.

BARRINGER, J. M. **The Hunt in Ancient Greece.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

BERQUÓ, Thirzá Amaral. A iconografia de Atalanta na cerâmica Ateniense (sécs. VI-IV a.C.). **Anais do III Encontro de Pesquisas Históricas**, 2016, pp. 558-570.

BOARDMAN, J. & ARRIGONI, G. **Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC).** Vol. II. Zürich-München: Artemis Verlag, s.v. Atalante, 1984.

COLE, S. G. Domesticating Artemis. In: BLUNDELL, S.; WILLIAMSON, M. (ed.). **The Sacred and the Feminine in Ancient Greece.** London: Routledge, 1998, pp. 27-43.

DILLON, M. **Girls and Women in Classical Greek Religion.** New York: Routledge, 2002.

DOWDEN, K. **Death and the Maiden. Girls' Initiation Rites in Greek Mythology.** London: Routledge, 1989.

FANTHAM, Elaine; FOLEY, Helene Peet; KAMPEN, Natalie Boymel; POMEROY, Sarah B.; SHAPIRO, H.A. Excusus: Spartan Women: Women in a Warrior Society. In: **Women in the Classical World.** New York-Oxford: Oxford University Press, 1994, pp. 56-67.

FERREIRA, L. N. A criança na Grécia antiga: concepções, normas e representações. In: FONSECA, A. C. (ed.). **Crianças e Adolescentes. Uma abordagem multidisciplinar.** Coimbra: Almedina, 2010, pp. 137-172.

FERREIRA, L. N. Tornar-se adulto na Antiguidade Clássica. Tornar-se adulto na Grécia antiga: normas, práticas e representações. In: FONSECA, A. C. (ed.). **Jovens adultos.** Coimbra: Almedina, 2014, pp. 87-108.



FONTENROSE, J.. Other Greek Tales of Hunter and Huntress. In: **Orion. The Myth of the Hunter and the Huntress**. Los Angeles: University of California Press, 1981, pp. 175-180.

FRANCO DURÁN, M. J. **El Mito de Atalanta e Hipómenes. Fuentes Grecolatinas y su Pervivencia en la Literatura Española**. Madrid: CSIC, 2016.

FRENCH, V. Birth Control, Childbirth, and Early Childhood. In: GRANT, M.; KITZINGER, R. (eds.). **Civilization of the Ancient Mediterranean Greek and Rome**. Vol. III. New York: Scribner's, 1988, pp. 1356-1357.

GARLAND, R. **The Greek Way of Life**. London: Duckworth, 1990.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Trad. V. Jabouille. Algés: Difel, 1992.

HOWELL, R. A. & Howell, M. L. The Atalanta Legend in Art and Literature. **Journal of Sport History**, n. 16, v. 2, 1989, pp. 127-139.

HUNTER, R. **The Hesiodic Catalogue of Women. Constructions and Reconstructions**. Cambridge: University Press, 2005.

IRIARTE, A. Semblanzas de semi-ciudadanas griegas. Sobre críos, ancianos y fêmeas. In: IRIARTE, A.; FERREIRA, L. N. (coords.). **Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga**. Coimbra-São Paulo: IUC/Annablume, 2015, pp. 9-30.

IRVING, P. M. C. F. **Metamorphosis in Greek Myths**. Oxford: Clarendon Press, 1990.

LEFKOWITZ, M. R. **Women in Greek Myth**. London: Duckworth, 1986.

LEWIS, S. Women and Myth. In: DOWDEN, K.; LIVINGSTONE, N. (eds.). **A Companion to Greek Mythology**. Chichester-Malden: Wiley-Blackwell, 2011, pp. 443-458.

MENZIONE, A. **Ovidio: Le Metamorfosi – Sintesi critica e contributo per una rivalutazione**. Torino: Scuola Grafica Salesiana, 1964.

PEREIRA, D. **O mito de Atalanta. Das fontes clássicas à recepção na arte ocidental**. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016.

RUBIN, N. & SALE, W. Meleager and Odysseus: A Structural and Cultural Study of the Greek Hunting-Maturation Myth. **Arethusa**, n. 16, v. 1/2, 1983, pp. 137-171.

RUIZ DE ELVIRA, A. Valoración ideológica y estética de las "Metamorfosis" de Ovidio. **Cuadernos de Filología Clásica. Estudos Latinos**, nº extraordinário, 2001, pp. 119-126.

SCANLON, T. F. Atalanta and Athletic Myths of Gender. In: **Eros and Greek Athletics**. Oxford: University Press, 2002, pp. 175-198.

SMITH, R. S. & TRZASKOMA, S. M. **Apollo-dorus' Library and Hyginus' Fabulae. Two Handbooks of Greek Mythology**. Indianapolis: Hackett, 2007.

TEUCHER, L. H. **Heracliti et Anonymi. De Incredibilibuslibellus**. Lemgoviae: Meyer, 1796.

VIDAL-NAQUET, P. **The Black Hunter. Forms of Thought and Forms of Society in the Greek World**. Transl. A. Szegedy-Maszak. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1986.